

Com eventos extremos cada vez mais frequentes no país, seguradoras ampliam uso de tecnologia, dados e análise preditiva para fortalecer a proteção financeira

A recorrência de eventos climáticos extremos no Brasil vem acelerando uma transformação no mercado de seguros e ampliando a busca por modelos mais sofisticados de análise e proteção financeira. Um levantamento recente da [Confederação Nacional dos Municípios \(CNM\)](#) apontou que quase todos os municípios brasileiros já sofreram algum tipo de desastre ambiental nos últimos 13 anos. Essas ocorrências deixaram mais de 3 mil mortes no país e prejuízos econômicos que ultrapassaram R\$732 bilhões no período.

O avanço desses eventos também amplia a discussão sobre prevenção e resiliência. Dados divulgados recentemente pela Confederação Nacional de Seguradoras (CNseg) mostram que, entre 2019 e 2024, o Brasil gastou quase dez vezes mais com resposta e reconstrução após desastres climáticos do que com ações preventivas: foram R\$ 23,3 bilhões destinados ao enfrentamento de emergências, contra R\$ 2,4 bilhões investidos em prevenção e preparação.

Na [BB Seguros](#), esse cenário vem acelerando o desenvolvimento de soluções apoiadas em sensoriamento remoto, modelos preditivos, leitura hiperlocal de dados climáticos e precificação dinâmica. A estratégia busca ampliar a capacidade de adaptação do seguro diante de um ambiente mais instável, especialmente em um país continental e de alta diversidade como o Brasil.

O seguro sempre trabalhou com risco, mas o que muda agora é a velocidade das transformações e o aumento da imprevisibilidade. Atualmente, não existe mais um produto padronizado capaz de atender diferentes realidades da mesma forma. O risco passou a ser muito mais individualizado, exigindo modelos mais inteligentes, flexíveis e personalizados.

Segundo o Diretor Técnico da Brasilseg, uma empresa BB Seguros, [Juan Carlos Lanau](#), o avanço da tecnologia e da capacidade analítica vem permitindo uma leitura mais detalhada das condições climáticas, produtivas e operacionais de cada região e, em alguns casos, de áreas específicas dentro do mesmo município. O objetivo é tornar a relação entre risco, proteção e preço mais equilibrada e aderente à realidade de cada cliente.

“Hoje, a precificação já não funciona mais com modelos estáticos ou generalistas. A evolução do seguro passa pela personalização e pela capacidade de entender características específicas daquele contexto, daquele território e daquela operação. Em muitos casos, regiões próximas podem apresentar níveis de exposição completamente diferentes a enchentes, períodos de seca, incêndios, interrupções operacionais ou oscilações climáticas”, explica.

Esse movimento também amplia a relevância de modelos de subscrição dinâmica, capazes de incorporar novas variáveis climáticas, econômicas e operacionais ao longo do tempo. Além dos impactos diretos da seca, do excesso de chuvas e de outros eventos extremos, fatores como pressão sobre infraestrutura urbana, interrupções logísticas, oscilações econômicas e mudanças no comportamento climático das diferentes regiões do país passaram a influenciar cada vez mais a lógica de proteção financeira e análise de risco.

Na avaliação da BB Seguros, a combinação entre tecnologia, inteligência de dados e diversificação geográfica tende a ganhar ainda mais relevância nos próximos anos como forma de fortalecer a resiliência do setor diante do avanço dos eventos extremos. Nesse contexto, a sustentabilidade do mercado de seguros passa também pela construção de modelos mais equilibrados e capazes de manter a proteção financeiramente viável no longo prazo, tanto para quem contrata quanto para quem opera o sistema, em um ambiente climático e econômico cada vez mais complexo.

Fonte: BB Seguros/FSB, em 20.07.2026.